

em casamento. Entende melhor a revolta da filha e companheiros de luta e, pelos ideais da juventude, está "pronto a assassinar alguém". Já não conseguirá continuar a escrever o livro sobre a cordialidade brasileira. Eis uma frase sintomática da intromissão perturbadora do público na esfera do privado: "Mas havia, para lá da aflição, uma qualidade qualquer, uma vibração que parecia unir a casa a uma vida externa a ela..."

O acontecimento sócio-político só modifica o homem no momento em que é internalizado, isto é, quando se intromete pelas frestas da janela e transtorna a vida privada. Caso contrário, a reação de revolta é politicamente de fachada, mero jogo de aparências e, por isso, exibicionismo para o consumo da nossa inconstante e pusilânime vida político-intelectual. No momento em que se solidariza com a filha e a amante, no momento em que descobre que a sinceridade é uma virtude feminina, Jacinto recompõe o seu lar em tempos de cólera e é transportado pela alegria, pela generosidade e "pelo engajamento de sua vida que começava ali e que havia de ser total".

Analisados com o cuidado que merecem, todos os contos acabam por traduzir a dramaticidade entre o privado e o público, o dentro e o fora. O exterior é sempre elemento de perturbação, espelho que é da alma. Vejam o caso do amigo que é capaz de

desvalorizar a esposa (ela é um sapato velho, cambaio) só para não enxergar a traição que o seu melhor amigo, como um tigre, apronta às suas costas. Ao final de "Prisão azul" é o marido quem sai de casa "como um ladrão". O gato, sintomaticamente chamado de "Enxerido", perturba a vida do casal, ao lembrar à esposa a presença todo-poderosa da sogra na sexualidade masculina. Dona Castorina deixou de ser quem seria no momento em que o pai vende a casa da rua Paissandu para que ali construam um edifício. Enquanto aguardam o apartamento, a moça enlouquece no Hotel dos Estrangeiros. Como levar o Índio a reagir e até mesmo a exterminar o branco invasor? eis a pergunta irônica que fica no ar após a leitura do último e quinto conto.

Silviano Santiago.

AMARAL, Manuela. *Tempo de passagem*. Coimbra: Fora do Texto, 1991. *Minha memória de ti*. Coimbra: Fora do Texto, 1992.

Tempo de passagem e *Minha memória de ti* são dois livros perigosos porque representam um tipo de poesia que pressupõe a busca do confessional. E isso é um sério risco para o poeta e para a poesia: ambos podem se tornar pessoais demais, destruindo talvez o maior objetivo da literatura, que é o de, falando

de um eu que se mostra no poema, falar de toda a humanidade. E quando esse eu, na dedicatória de *Tempo de passagem*, confessa ter sido seu modelo Fernando Pessoa, esse "único homem de quem seria amante", o poeta que procurou sentir tudo de todas as maneiras e por todos, as coisas se complicam mais: o leitor espera, no mínimo, que o discípulo se aproxime em alguma coisa do mestre. Não é bem isso o que acontece, porém. Tanto *Tempo de passagem* como *Minha memória de ti* são livros apaixonadamente confessionais em que se vêem declarações banais sobre um amor dilacerado, algumas delas apoiadas em palavras fáceis que não dizem nada e, por isso mesmo, soam como confissões de adolescente desiludido, acreditando que jogos de antíteses são respostas sérias a dores-de-cotovelo com ares de filosofia existencialista. É assim, por exemplo, que Manuela Amaral, no prefácio de *Minha memória de ti*, se define: "Sou o princípio do nada/e sou o começo do fim".

Entretanto, tudo isso foi um risco assumido por Manuela Amaral. E ela consegue sair-se bem em alguns momentos. Nos dois livros, um itinerário da solidão angustiada, da raiva disfarçada em indiferença, de descargas emocionais enxutas, sem caírem no modismo minimalista que infesta a poesia de hoje, produzem poemas de uma beleza nova - mesmo falando dessa mesmice

que é o sofrimento por amor. Um deles - "A corpo inteiro" - por ter sido escrito num português diferente do nosso, traz em si um sabor particular e uma agressividade que a fala brasileira não conseguiria:

Só me queres
em part-time
mas não sou mulher a dias
sou mulher a corpo inteiro.

Sem dúvida alguma, a expressão mulher a dias, tão corriqueira no português de Portugal, tem uma forte carga de sentido pejorativo que o nosso termo diarista não conseguiria reproduzir. A recusa dessa mulher ao amor do homem que a quer somente como amante, como a outra, fica mais contumaz e ilumina o poema com uma dose altíssima de desprezo: mulher para ser amada de vez em quando, não; mulher de corpo, alma e sexo inteiros.

A força de poemas desse tipo consegue abafar textos de um prosaísmo inaceitável em um poeta como Manuela Amaral, tal como acontece no poema de título "Tempo de passagem", do livro de mesmo nome: "A gente envelhece/mas não esquece/como é bom ser novo... A gente envelhece/mas não esquece/como foi bom/ter sido novo".

Minha memória de ti, porém, dá mostras de um certo amadurecimento do poeta. O eu lírico - ainda que no mesmo tom confessional - consegue depurar, na maioria dos casos, a fala fácil e a loquacidade piegas, policiando a emoção

embora continue vivendo essencialmente dela. Assim é o bellissimo poema "Vingança":

Apaixonadamente tua
desenho-me de nua
e penduro-me
à cabeceira do teu quarto.

Fantasiando sua permanência no coração e no desejo do amante, o eu lírico é como um manequim, um fantasma que persegue seu objetivo, erotizando-se e erotizando o ambiente e os sentidos do amante. Pendurada à cabeceira da cama - tão perto do contato físico, mas tão longe do verdadeiro amor - essa mulher-coisa vinga-se mais de si mesma do que do homem que a recusa. Sado-masiquismo em pequenas doses (todo o livro é feito disso), mas violentamente sentido e expressado por Manuela Amaral nesse curto poema.

Outros textos têm essa mesma carga de emoção. "Brio" é um deles:

Já que não sou tua amante
não me chames tua amiga
Eu não vou nessa cantiga
de ter alcunhas de amor.

O tom coloquial e popular do terceiro verso reflete a cantiga desesperada, a desilusão amorosa do fado português cantado por uma Severa moderna, mas ainda apaixonada por algum marujo sabendo a salsugem.

Um poema bem interessante é "Metacopos". Nele, o eu lírico se embriaga, vomita e conjectura, então, sobre sua condi-

ção ridícula de poeta bêbado, chegando à conclusão de que "é melhor um copo num segurar de mão/do que um poema a recordar o passado". Momento passageiro, esse; conversa de bêbado, diríamos coloquial e, nesse caso, literalmente. Mas isso não é a verdade do dia-a-dia da escrita de Manuela Amaral. Recordar o passado amoroso é meta de seu presente e, parece-nos, do futuro dessa mulher que vive em meio a confissões assumidas sem medo, que corajosamente afirma a força da paixão violenta quando a poesia de hoje quase que se configura como asséptica de sentimentos. É claro que Manuela Amaral "escorrega" algumas vezes, mas sua coragem vale por momentos belíssimos em que memória, tempo e amor se fundem em poemas que atingem a eternidade do que desejam falar. Por isso, que ela não se preocupe muito com as críticas que agora se fazem. Talvez as uvas pareçam verdes para o crítico. Continue ela, portanto, a ser ela mesma, pois, de alguma forma, se nós desafinamos algumas vezes na poesia é porque desafinamos também na vida e no amor.

Sérgio Alves Peixoto